



# A GAROTA QUE NÃO SE CALOU

**ABI DARÉ**

TRADUÇÃO

Nina Rizzi

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS  
EDITORA

**EDITORA**

Raissa Castro

**COORDENADORA EDITORIAL**

Ana Paula Gomes

**COPIDESQUE**

Lígia Alves

**REVISÃO**

Rayana Faria

**DIAGRAMAÇÃO**

Beatriz Carvalho

Beatriz Araujo

**TÍTULO ORIGINAL**

The Girl with the Louding Voice

ISBN 978-65-5924-026-5

Copyright © ADLC Ltd., 2020

Tradução © Verus Editora, 2021

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001

[www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Daré, Abi

D23g

A garota que não se calou [recurso eletrônico] / Abi Daré ; tradução Nina Rizzi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Verus, 2021.

recurso digital

Tradução de: The girl with the louding voice

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-026-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção nigeriana. 2. Livros eletrônicos. I. Rizzi, Nina. II. Título.

21-71307

CDD: 896.3323

CDU: 82-3(669.1)

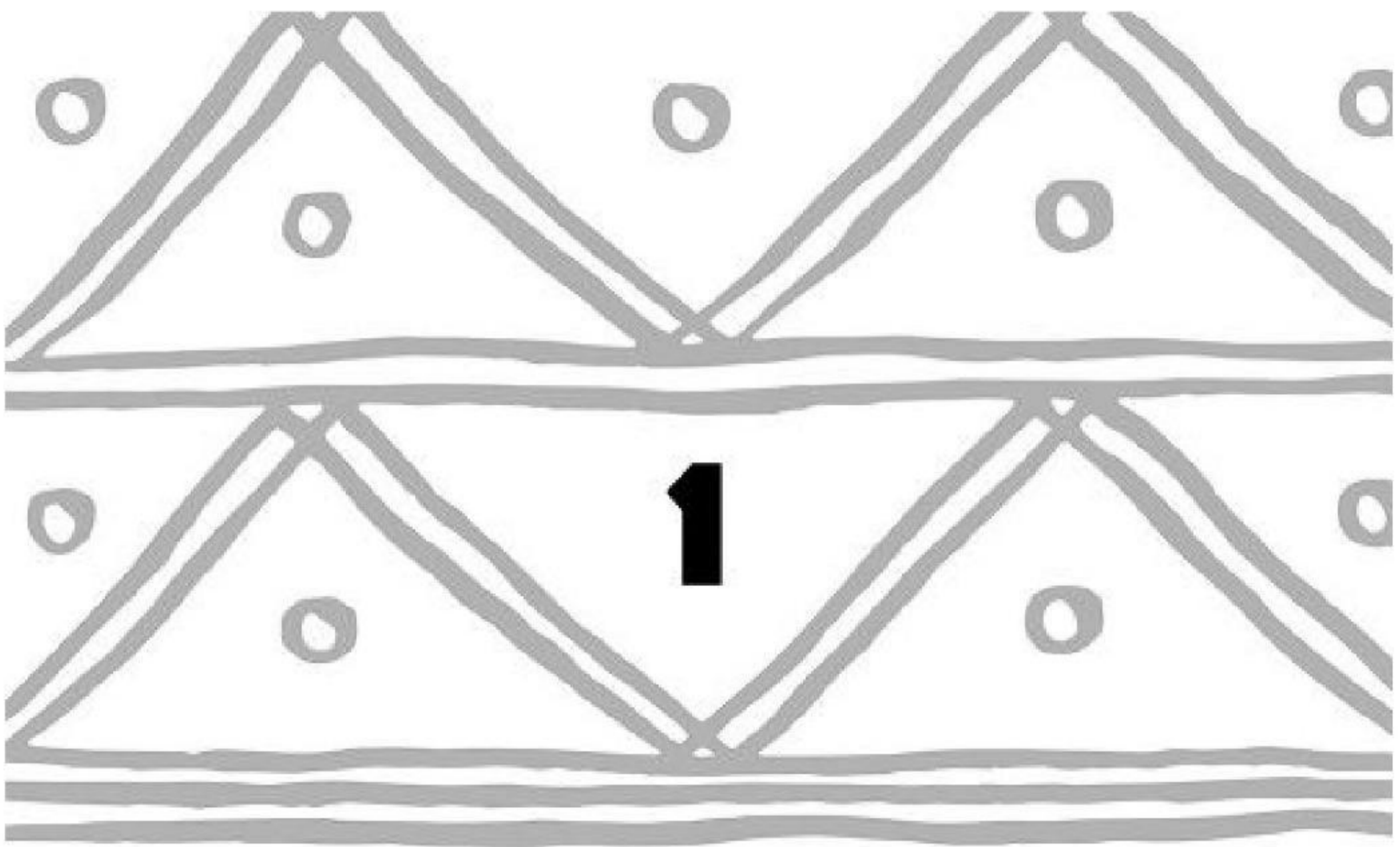
Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439



# PRÓLOGO

*A Nigéria fica na África Ocidental. Com uma população de pouco menos de 180 milhões de pessoas, é o sétimo país mais populoso do planeta, o que significa que um em cada sete africanos é nigeriano. Sexto maior exportador de petróleo bruto do mundo, com um PIB de 568,5 bilhões de dólares, a Nigéria é o país mais rico da África. Infelizmente, mais de 100 milhões de nigerianos vivem na pobreza, sobrevivendo com menos de 1 dólar por dia.*

— *O livro de fatos da Nigéria: do passado ao presente,*  
5ª edição, 2014



**H**oje de manhã, o papai me chamou lá pra sala.

Tava sentado no sofá sem almofada e olhano pra mim. O papai tem esse jeito de olhar pra mim. Pareceno que quer me açoitar sem motivo, pareceno que eu tô guardano merda nas bochecha e quando abro a boca pra falar, todo o lugar fica fedido.

— *Sah?* — digo, ajoelhano e colocano minha mão pra trás. — Tava chamano?

— Vem cá — o papai diz.

Sei que ele quer falar uma coisa ruim. Tô veno dentro do olho dele; as bola do olho parece uma pedra marrom que ficou muito tempo debaixo do sol quente. Igual quando me falou, três ano atrás, pra parar com os estudo. Naquela época, eu era a mais velha da classe e todas criança sempre chamava eu de “Tia”. Pra dizer a verdade, o dia que eu parei de ir pra escola e o dia que minha mamãe morreu são os pior da minha vida.

Quando o papai pede pra mim chegar mais perto, não respondo porque nossa sala é pequena igual um carro Mazda. Ele quer que eu chego perto e ajoelho dentro da sua boca? Então eu ajoelho onde eu tô mesmo e espero ele falar o que tá pensano.

O papai faz um barulho com a garganta e apoia no encosto de madeira do sofá sem almofada. A almofada estragou porque nosso irmão caçula, o Kayus, mijou muito nela. Desde que era nenê, ele mijava que era uma praga. Mijo

estraga a almofada, por isso a mamãe fez o Kayus dormir nela que nem um travesseiro.

Tem uma TV na nossa sala, não funciona. O Minino-home, nosso irmão mais velho, achou a TV numa lata de lixo dois ano atrás quando tava trabalhano com a coleta de lixo na aldeia aqui perto. A gente colocamo lá só pra fazer uma graça. Fica bonita, sentada que nem uma princesa na nossa sala, no canto do lado da porta da frente. Até colocamo um vasinho de flor em cima, que nem uma coroa na cabeça da princesa. Quando a gente tem visita, o papai faz de conta que funciona e fala: “Adunni, bota as notícia da noite pro sr. Bada assistir”. E aí eu respondo: “Papai, o controle remoto sumiu”. Aí o papai balança a cabeça fazeno um não e diz pro sr. Bada: “Essas criança inútil, perdeu o controle remoto de novo. Vem, vamo sentar lá fora, beber e esquecer as tristeza da Nigéria”.

O sr. Bada deve ser um grande tonto se não percebe que é tudo mentira.

Tamém tem um ventilador de pé, falta duas pá do ventilador, por isso tá sempre soprano ar que deixa a sala toda quente. O papai gosta de ficar sentado na frente do ventilador de noite, com os pé cruzado e bebeno da garrafa, que virou sua esposa desde que a mamãe morreu.

— Adunni, sua mãe morreu — o papai diz depois dum tempo. Dá pra sentir o cheiro da bebida no corpo dele enquanto fala. Mesmo quando o papai não bebia, a pele e o suor dele ainda tinha um cheiro ruim.

— Sim, papai. Eu sei — respondo. Por que que ele tá repetino uma coisa que eu já sei? Uma coisa que abriu um buraco no meu coração e encheu com um bloco de dor que eu arrasto comigo pra onde eu vou? Como que eu posso esquecer o jeito que a minha mamãe tossia um sangue vermelho e grosso com bolhas de saliva na minha mão todo dia três mês sem parar? Quando fecho o olho pra dormir de noite, ainda vejo o sangue, às vez sinto aquele gosto salgado.

— Eu sei, papai — digo de novo. — Tem mais alguma coisa ruim aconteceno?

Papai suspira.

— Dissero pra nós ir embora.

— Embora pra onde? — Às vez me preocupo com o papai. Desde que a mamãe morreu, fica dizeno umas coisa que não faz sentido e às vez fala sozinho, e tamém chora sozinho quando acha que ninguém tá ouvino.

— Quer que eu busco água pro seu banho? — pergunto. — Tamém tem comida pro café da manhã, pão fresco com amendoim doce.

— O aluguel comunitário é trinta mil naira — o papai diz. — Se a gente

não paga, precisa encontrar outro lugar pra morar.

Trinta mil naira é muito dinheiro. Sei que o papai não consegue achar esse dinheiro, nem se vasculhar toda a Nigéria, porque mesmo o dinheiro das minha taxa escolar, que é sete mil, o papai não tinha. Era a mamãe que tava pagano as taxa escolar e o aluguel e a comida e tudo antes dela morrer.

— Onde vamo encontrar esse dinheiro? — pergunto.

— Morufu — o papai diz. — Sabe? Ele veio aqui ontem. Pra me ver.

— Morufu, o motorista de táxi?

O Morufu é um velho com cara de bode que é motorista de táxi aqui na nossa aldeia. Além das duas esposa, o Morufu tem quatro filha que não vai pra escola. Elas fica só correno em volta do riacho da aldeia com as calça suja, puxano umas caixa de açúcar com barbante, brincano de *suwe\** e bateno palma até a pele ficar quase descascano. Por que que o Morufu tava visitano a nossa casa? O que que ele tava procurano?

— Sim — o papai diz, dano um sorriso nervoso. — É um bom homem, esse Morufu. Ele me deixou surpreso ontem quando disse que vai pagar o aluguel comunitário pra gente. Todos trinta mil.

— Isso é bom?

Tô perguntano porque não tem sentido. Eu sei que nenhum homem vai pagar o aluguel da outra pessoa, só se ele tem um interesse. Por que o Morufu vai pagar o nosso aluguel comunitário? O que que ele tá quereno? Ou tá deveno dinheiro pro papai de outro tempo? Olho pro meu papai, meus olho se encheno de esperança que não é o que eu tô pensano.

— Papai?

— Sim. — O papai espera, engole o cuspe e enxuga o suor da cabeça. — O dinheiro do aluguel é... tá nos seu *owo-ori*.

— Nos meu *owo-ori*? Meu dote de noiva?

Meu coração começa partir porque eu tenho só catorze ano, chegano nos quinze, e não quero casar com nenhum velho idiota e estúpido, porque quero voltar pra escola e aprender ser professora e virar uma mulher adulta e ter dinheiro pra dirigir carro e morar numa casa bonita de sofá com almofada e ajudar meu papai e meus dois irmão. Não quero casar com nenhum homem, nem com nenhum menino, ou qualquer outra pessoa pra sempre, por isso pergunto de novo pro papai, falano bem devagar pra ele entender cada palavra que eu tô dizeno e não me enganar na resposta.

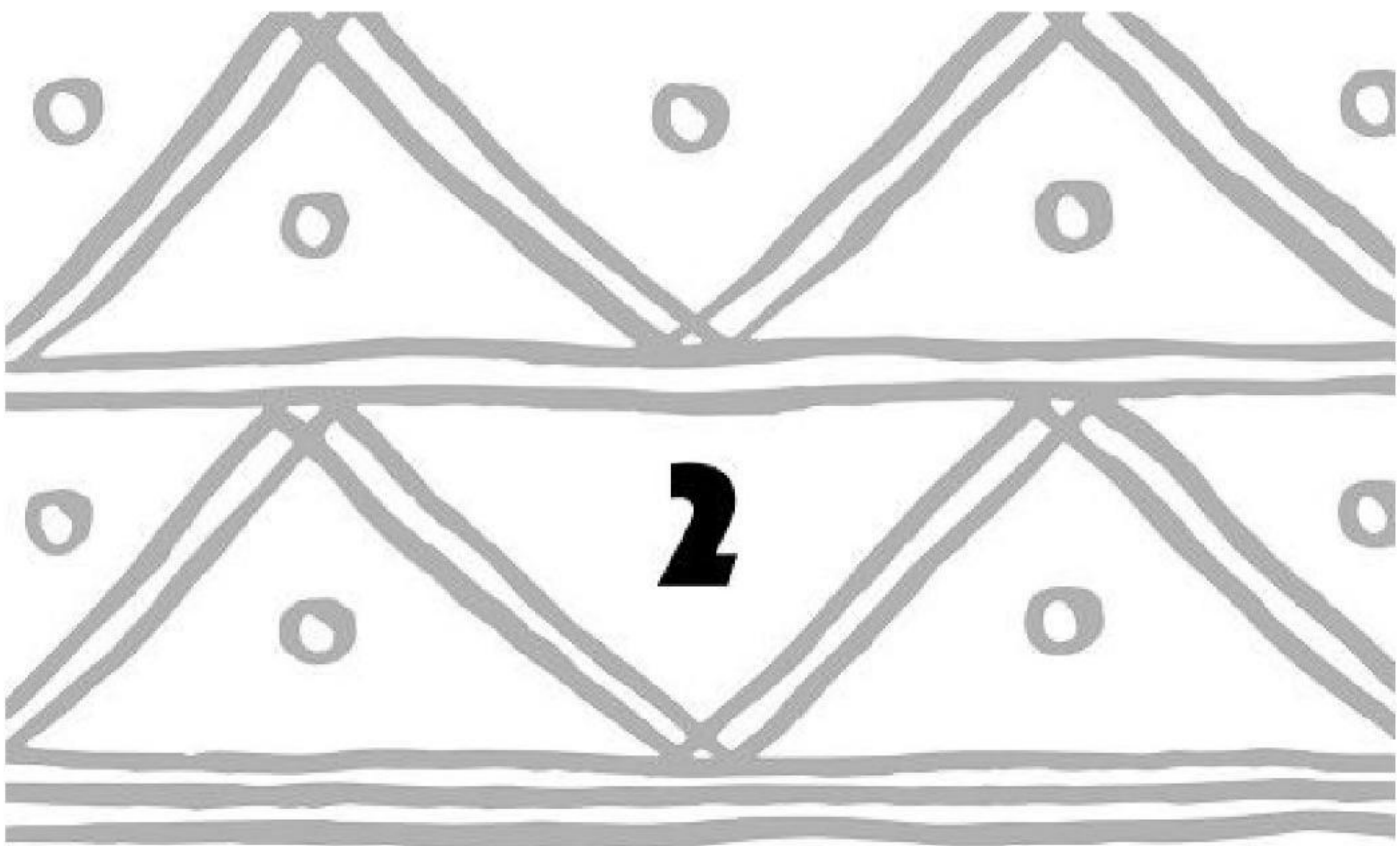
— Papai, esse dote de noiva é pra mim ou pra outra pessoa?

E meu papai, ele balança a cabeça devagar, sem importar com as lágrima no meu olho ou com a minha boca aberta, e diz:

— O dote de noiva é pra você, Adunni. Cê vai casar com o Morufu na semana que vem.

---

\* Jogo tradicional da Nigéria parecido com a amarelinha: os participantes jogam pedrinhas e, pulando numa perna só, devem conquistar territórios desenhados em forma de quadrados no chão. Ganha quem conquistar mais territórios/quadrados. (N. da T.)



**Q**uando o sol desce do céu e se esconde bem no meio da noite, sento na minha esteira de ráfia, empurro a perna do Kayus pra longe do meu pé e descanso minhas costas na parede do nosso quarto.

Minha cabeça tá apedrejando minha mente com um monte de pergunta desde hoje cedo, pergunta que não tem resposta. Qual o sentido de ser a esposa dum homem com duas esposas e quatro filhas? O que que tá fazendo o Morufu querer outra esposa mais as outras duas? E o papai, por que que ele quer me vender pro velho sem pensar em como tô me sentindo? Por que que ele não cumpre a promessa que fez pra mamãe antes dela morrer?

Fico esfregando meu peito, onde tantas perguntas tão fazendo uma ferida, subo na ponta do pé dando um suspiro e caminho pra janela. Lá fora, a lua tá vermelha, muito baixa no céu, que nem se Deus arrancou seu olho furioso e jogou no nosso complexo.\*

Tem vaga-lumes no ar essa noite, seus corpinhos tão piscando uma luz de tudo que é cor: verde, azul e amarela, cada um deles dançando e piscando no escuro. Faz muito tempo, a mamãe falou que os vaga-lumes sempre traz boas mensagens pras pessoas de noite. “Um vaga-lume é a bola do olho dum anjo”, ela falou. “Olha aquele ali, aquele empoleirado na folha daquela árvore, Adunni. Aquele tá trazendo uma mensagem de dinheiro pra gente.” Não sei qual mensagem que aquele vaga-lume tava querendo trazer, lá naquele tempo, mas sei que não trouxe dinheiro nenhum.



Quando a mamãe morreu, uma luz apagou dentro de mim. Fiquei naquela escuridão por muitos mês até que um dia o Kayus encontrou eu na sala onde eu tava triste e chorano e com os olho arregalado cheio de medo, ele me implorou pra parar de chorar porque meu choro dava uma dor no coração dele.

Naquele dia, peguei minha tristeza e tranquei no meu coração pra ser forte e cuidar do Kayus e do papai. Mas às vez, que nem hoje, a tristeza sai do meu coração e enfia a língua na minha cara.

Tem dia que, quando fecho o olho, vejo minha mamãe que nem uma flor, uma rosa: amarela, vermelha e roxa com folhas brilhante. E se cheirar bem fundo posso sentir o cheiro dela tamém. Aquele cheiro doce de roseira em volta dum pé de hortelã, do sabão de coco no seu cabelo depois de lavar roupa nas cachoeira de Agan.

Minha mamãe tinha o cabelo comprido, trançava com uns fio preto e enrolava com uma corda grossa, pareceno dois ou três pneuzinho em volta da cabeça. Às vez ela tirava os fio, deixano o cabelo descer pelas costa pra mim escovar com a sua escova de madeira. Às vez ela tirava a escova da minha mão, fazia eu sentar num banco perto do rio e enrolava o meu cabelo com tanto óleo de coco que eu andava pela aldeia cherano fritura.

Ela não envelheceu, minha mamãe, tinha só quarenta e poucos ano antes de morrer, e todo dia sinto uma dor na minha alma por causa da sua risada e da sua voz silenciosa, do seus braço macio, dos olho que diz mais coisa que a sua boca nunca diz.

Ela não ficou doente muito tempo, graças a Deus. Só seis mês e meio tossino e tossino até a tosse devorar toda a sua carne e fazer seus ombro parecer o puxador da porta da nossa sala.

Antes daquela doença do demônio, a mamãe tava sempre ocupada. Sempre fazeno isso e aquilo pra todo mundo na aldeia. Fritava cem bolinho *puff-puff*<sup>\*\*</sup> todo dia pra vender no mercado de Ikati, às vez tirava cinquenta, os mais bonito, do óleo quente e dizia pra eu levar pra Iya, uma velha que mora na aldeia Agan.

Eu não sabia muito bem como Iya e a mamãe se conhecia, ou qual o nome de verdade dela, porque Iya em iorubá quer dizer velha. Só sabia que minha mamãe sempre me mandava dar comida pra Iya e pra todas mulher mais velha que tava doente na aldeia perto de Ikati: *amala*<sup>\*\*</sup> quente e sopa de quiabo com lagostim ou feijão e *dodo*, a banana-da-terra macia, oleosa.

Uma vez levei *puff-puff* pra Iya, depois que a mamãe tava muito doente pra viajar pra longe, e quando cheguei em casa de noite e perguntei por que

que ela continua mandando comida pras pessoa quando tá muito mal pra viajar pra longe, a mamãe disse: “Adunni, cê deve fazer o bem pros outro, mesmo quando cê não tá bem, mesmo quando o mundo inteiro no seu redor não tá bem”.

Foi a mamãe que mostrou pra mim como orar pra Deus, como colocar fio e trançar meu cabelo, como lavar minha roupa sem sabão e como trocar a roupa de baixo quando minha visita mensal veio a primeira vez.

Sinto a garganta apertada quando ouço a voz dela na minha cabeça, cansada e fraca, implorano pro papai não me dar pra nenhum homem em casamento se morrer dessa doença. Ouço a voz do papai tamém, tremeno de medo, mas lutano pra ser forte enquanto responde pra ela: “Para com essa conversa doida de morrer. Ninguém tá morreno nada. Adunni não vai casar com nenhum homem, tá me ouvino? Ela vai pra escola e vai fazer o que cê quer, eu juro! Pensa só em você agora e melhora logo!”

Mas a mamãe não melhorou, muito menos logo. Morreu dois dia depois que o papai fez essa promessa e agora eu vou casar com um velho porque o papai tá esqueceno todas coisa que prometeu pra mamãe. Vou casar com o Morufu porque o papai tá precisano de dinheiro pra comida, pro aluguel comunitário e pras besteira.

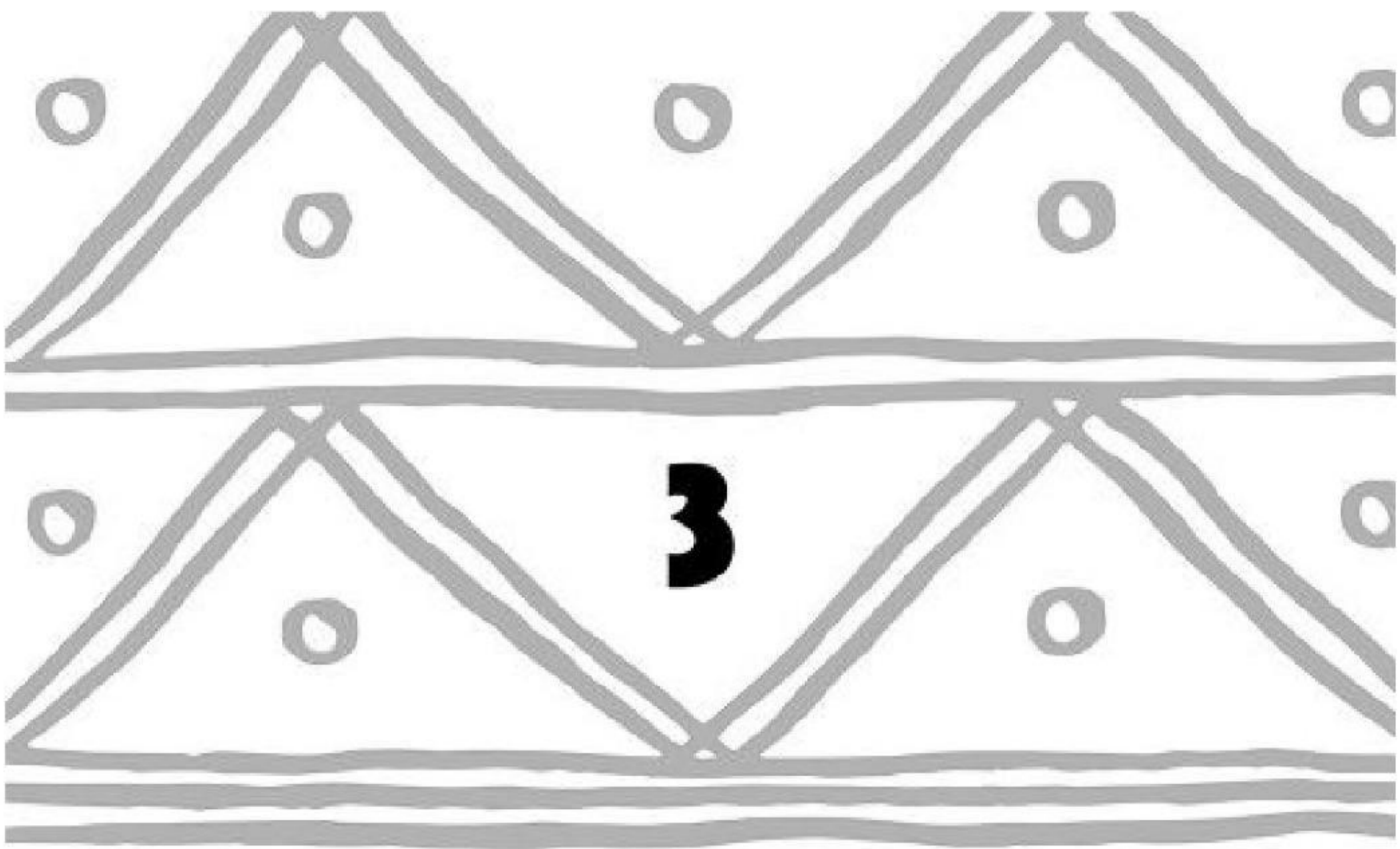
Sinto o sal das minhas lágrima lembrano de tudo isso e, quando volto pra minha esteira e fecho o olho, vejo a mamãe que nem uma rosa. Mas essa rosa não tem mais as cor amarela, vermelha e roxa com folha brilhante. Essa flor é castanha que nem uma folha molhada que tem a marca dos pé sujo dum homem que esquece da promessa que fez pra sua mulher morta.

---

\* As habitações nigerianas chamadas de *compounds* (complexos) podem ter apenas uma cerca, uma sebe ou ser formadas por choças ou casas. São construções em torno de uma área aberta, unidas por cercados concentrando a vida doméstica e social, como uma pequena comunidade familiar. Cada complexo abriga um homem, sua família imediata, com esposas e filhos, e alguns parentes, geralmente famílias extensas. Uma série de complexos constitui a aldeia, na maior parte das vezes habitada por pessoas que têm um ancestral comum — normalmente o fundador da aldeia, quando na zona rural; nas cidades, muitas pessoas tendem a chamar as propriedades de complexos por costume. No Reino Unido e nos Estados Unidos, o termo *compound*, se usado para designar um lugar, é mais como um complexo militar fortificado. (N. da T.)

\*\* Petisco de massa frita doce, tradicional da Nigéria e de outros países africanos. (N. da T.)

\*\*\* Comida típica iorubá, espécie de pirão cuja base de preparo é inhame seco ou farinha de mandioca. (N. da T.)



**N**ão consegui pregar o olho a noite inteira com tanta tristeza e lembrança.

Eu não levanto no primeiro cocoricó do galo, pra começar minha varrição de todo dia ou lavar roupa ou moer feijão pro café da manhã do papai. Deito na esteira e fico com o olho fechado e escuto todos barulho em volta. Escuto o choro dum galo lá longe, um choro de luto profundo; os melro na nossa mangueira cantano sua canção feliz, todas manhã. Escuto lá longe alguém, um lavrador talvez, dano uma machadada numa árvore; bateno, bateno, bateno. Escuto as vassoura fazeno barulho no chão dum complexo, enquanto uma mamãe noutro complexo chama seus filho pra acordar e cair no mundo, pra usar a água do pote de barro e não a do balde de ferro.

Os som é o mesmo toda manhã, mas hoje, cada som é um golpe no meu coração, uma lembrança malvada que meu casamento tá se aproximano.

Sento. Kayus ainda tá dormino na esteira. Os olho dele tá fechado, mas parece que tá pensano duas vez antes de acordar. Ele fica tremeno as pálpebra numa luta desdo dia que enterramo a mamãe, jogano a cabeça prum lado e pro outro e tremeno as pálpebra. Chego perto dele, aperto minha palma nas suas pálpebra e canto uma música suave no seu ouvido até ele ficar quieto.

Kayus tem só onze ano. Se comporta mal várias vez, mas ele mora no meu coração. Foi pra mim que Kayus veio chorar quando os menino na praça da aldeia tava rino dele e chamano ele de lutador de gato. É que o Kayus, ele ficava doente o tempo todo quando era mais pequeno, então o papai levou ele

pra um lugar e as pessoa usou uma lâmina de barbear e cortou as bochecha dele três vez dum lado e do outro, fazeno uma marca pra afastar o espírito da doença. Quando cê olha o Kayus, é que nem se ele brigou com um gato grande e o gato usou as unha pra arranhar o Kayus nas bochecha.

Eu que tava ensinano o Kayus todos trabalho escolar que conheço, adição e subtração e ciências e acima de tudo o inglês, porque o papai não tá pagano as taxa escolar nem pro Kayus. Foi eu que falei pra ele que seu futuro é brilhante mas só se ele se esforçar pra aprender.

Quem vai cuidar do Kayus quando eu casar com o Morufu? O Minino-home?

Suspiro, olho meu irmão mais velho, o Minino-home, enquanto dorme na cama com uma cara irritada. O nome dele mesmo é Alao, mas ninguém nunca chama ele assim. O Minino-home é o mais velho, então o papai diz que é respeitoso pra ele dormir na única cama no quarto que nós três divide. Eu não ligo. A cama tem um colchão fino de espuma em cima, cheio de buraco que os percevejo usa como cozinha e banheiro. Às vez aquele colchão cheira que nem o sovaco dos pedreiro da praça do mercado, e, quando eles levanta a mão pra te cumprimentar, o cheiro é capaz de te matar.

Como o Minino-home pode cuidar do Kayus? Não sabe cozinhar nem limpar nem fazer qualquer trabalho, só sabe fazer o seu trabalho de mecânico. Tamém não gosta de rir ou sorrir, e com dezenove ano e meio, parece um boxeador, suas mão e perna é que nem os galho duma árvore grossa. Às vez fica trabalhano a noite toda na Kassim Motors e, quando chega em casa bem tarde, só se joga na cama e dorme. Ele tá roncano agora, cansado, cada respiração é uma rajada de vento quente no meu rosto.

Olho o Minino-home por um momento, observano o movimento do seu peito subino e desceno numa batida sem música, antes de virar pro Kayus e dar dois tapinha suave no seu ombro.

— Kayus. Acorda.

Kayus abre um olho primeiro, depois o outro. Ele faz isso o tempo todo quando quer acordar: abre primeiro um olho e o outro só depois, pareceno que tá com medo que, abrino os dois ao mesmo tempo, alguma coisa vai acontecer.

— Adunni, cê durmiu bem? — ele pergunta.

— Durmi bem — minto. — E você?

— Não muito bem — diz, sentano do meu lado na esteira. — O Minino-home falou que cê vai casar com o Morufu semana que vem. Era mentira dele?

Pego sua mão fria e pequena na minha.

— Não é mentira — digo. — Na semana que vem.

Kayus balança a cabeça pra cima e pra baixo, puxa os lábio com os dente e morde. Não fala nada depois. Só morde os lábio e segura minha mão com força e aperta.

— Cê vai voltar depois do casamento? — ele pergunta. — Pra ficar me ensinano? E cozinhar meu arroz no óleo de palma pra mim?

Eu abaixo meu ombro.

— Arroz no óleo de palma não é difícil de cozinhar. Cê lava o arroz na água três vez e deixa numa tigela de molho. Aí pega pimenta fresca e... — Eu paro de falar porque as lágrima tá enchendo minha boca e cortano minhas palavra e me fazeno chorar. — Eu não quero casar com o Morufu — digo. — Por favor, implora pro papai pra mim.

— Não chora — Kayus diz. — Senão eu tamém choro.

Eu e o Kayus, nós seguramo a mão um do outro com força e choramo sem fazer barulho.

— Corre, Adunni — o Kayus diz, enxugano as lágrima, com o olho arregalado e cheio de esperança e medo. — Corre pra longe e se esconde.

— Não — digo, balançano a cabeça. — E se o chefe da aldeia me pega enquanto tô fugino? Tá esqueceno da Asabi?

A Asabi é uma menina de Ikati que não queria casar com um homem velho porque tava apaixonada de verdade pelo Tafa, um menino que trabalhava na Kassim Motors com o Minino-home. Um dia depois do casamento, a Asabi fugiu com o Tafa, mas eles não conseguiu correr pra longe. Aí eles pegou a Asabi na frente da fronteira e espancou ela. E o Tafa? Eles enforcou o pobre que nem um passarinho na praça da aldeia e jogou o corpo dele na floresta Ikati. O chefe da aldeia falou que o Tafa tava robano a esposa de outro homem. Que ele tinha que morrer porque em Ikati todo ladrão deve sofrer e morrer. O chefe da aldeia falou pra trancar a Asabi num quarto por cento e três dia até ela aprender sentar na casa do marido e não fugir.

Mas a Asabi não aprendeu nada. Depois de cento e três dia trancada dentro do quarto, a Asabi falou que não vai sair mais. Então ela tá naquele quarto até hoje, olhano as parede, arrancano os cabelo da cabeça e comeno, beliscano os cílio e escondeno dentro do sutiã, falano com ela mesma e com o espírito do Tafa.

— Talvez cê pode ir brincar comigo na casa do Morufu — digo. — Posso ir te ver no riacho tamém, no mercado, em qualquer lugar.

— Cê acha? — Kayus pergunta. — E se o Morufu não deixar eu brincar com você?

Antes que eu penso em responder, o Minino-home vira no sono, abre as perna e bota pra fora uma sujeira barulhenta que enche o ar com o fedor dum rato morto.

Kayus funga com uma risada e coloca a mão no nariz.

— Talvez é melhor casar com o Morufu que ficar nessa casa com o Minino-home e seus barulho fedorento.

Aperto a mão dele e finjo um sorriso nos lábio.

Eu espero o Kayus dormir de novo antes de sair do quarto.

Encontro o papai do lado de fora, sentado no banco da cozinha perto do poço. A manhã tá começano clarear agora e o sol acabou de acordar; parece um meio círculo laranja espiano atrás dum pano escuro no céu. O papai não tá usando camisa, tá só de calça e sem sapato. Tá mastigano um palito com o canto da boca, o rádio preto numa das mão e, com a outra, tá bateno uma pedra no rádio pra ele acordar. Desde antes do Kayus nascer o papai faz isso de manhã pra acordar o rádio, então abaixo na areia e deixo minha mão pra trás e espero o rádio acordar.

Papai bateu a pedra três vez no lado do rádio — *pá, pá, pá* — e o rádio faz um barulho de estalo. Passa um tempo e a voz dum homem no rádio diz: “*Booom* dia! Esta é a OGF<sup>M</sup> 89,9. A estação da nação!”

Papai cuspiu o palito na areia do meu lado e me olhou que nem se vai dar um tapa na minha cabeça porque tô abaixada na frente dele.

— Adunni, quero ouvir as notícia da seis hora. Que que cê quer?

— Bom dia, papai — eu digo. — Não tem feijão em casa. Posso pegar emprestado com a mamãe da Enitan?

Tenho feijão de molho dentro de uma lata d’água na cozinha, mas tô precisano falar com alguém sobre isso tudo de casamento que vai acontecer porque a Enitan e eu era melhor amiga desde que aprendemo ler o ABC e contar 123. A mamãe dela tamém tem um sítio pequeno e gosta de dar feijão, inhame e *egusi*<sup>\*</sup> pra gente e diz pra pagar quando tem dinheiro.

Papai me assustou quando riu e disse:

— Espera.

Ele coloca o rádio no banco bem devagar, mas o rádio faz um barulho de estalo duas vez e aí do nada morre. Estragou. Não tem mais voz da OGF<sup>M</sup> 89,9. Não tem mais estação pra nação. O papai olha pro rádio um pouco, a caixa preta silenciosa dele, aí resmunga, dá um tapa no rádio em cima do

banco e espatifa ele no chão.

— Papai! — digo, colocano minhas duas mão na cabeça. — Por que cê estragou seu rádio, papai? Por quê? — A TV nunca funcionou, e agora tudo o que tá restano do rádio é um plástico quebrado com uns fio amarelo, vermelho e marrom saino dele.

Papai resmunga de novo, levanta a nádega do lado esquerdo e enfia a mão no bolso de trás da calça. Ele tira duas nota de cinquenta naira e me dá. Arregalo o olho, olho o dinheiro, sujo e macio e fedorento de *sigá*.\*\* Onde o papai tá conseguino dinheiro pra me dar? Com Morufu? Meu coração tá retorcenno enquanto dobro a naira dentro da bainha da minha bata.

Não digo *obrigada, sah*.

— Adunni, me escuta bem — o papai diz. — Cê deve pagar pelo feijão com esse dinheiro. Aí diz pra mãe da Enitan que, depois do seu casamento, eu, seu pai — ele dá um tapa no peito que nem se quer se matar —, vou pagar tudo que ela deu pra gente. Vou pagar tudo. Mesmo se custar milhares de naira, vou pagar tudo. Cada naira. Diz isso pra ela, tá me ouvino?

— Sim, *sah*.

Ele olha pros resto do rádio no chão e curva a boca num sorriso duro.

— Daí vou comprar um rádio novo. Um que presta. Talvez até uma TV nova. Um sofá com almofada. Novo. Adunni?

Ele escorregou o olho pra mim, seu rosto forte.

— Que que cê tá olhano? Vai! Anda!

Eu não digo uma palavra e saio da frente dele.

O caminho pra casa da Enitan é uma trilha fina de areia fria e úmida atrás do rio, com um mato alto que nem eu do lado esquerdo e do lado direito dele. O ar desse lado da aldeia é sempre frio, mesmo com o sol brilhano forte no céu. Vou cantano enquanto caminho, fico com a minha cabeça e a minha voz baixa porque atrás do mato umas criança da aldeia tão rino enquanto se lava e se joga no rio. Não quero que ninguém me chama ou me pergunta sobre qualquer plano idiota pra qualquer casamento doido, então acelero, corto pra direita no fim do caminho, onde o chão tá seco de novo e onde fica o complexo da Enitan.

A casa da Enitan não é que nem a nossa. O sítio da mamãe dela tá ino bem, então no ano passado elas começou cobrir a lama vermelha da casa com cimento e começou consertar tudo, aí agora elas tem um sofá com almofada e uma cama com colchão bom e um ventilador de pé que não faz barulho quando tá girano. A TV delas funciona direito tamém. Às vez até pega os